

A DINÂMICA SOCIAL DA VIOLÊNCIA: as múltiplas faces de um mesmo fenômeno

THE SOCIAL DYNAMICS OF VIOLENCE: the multiple faces of the same phenomenon

ARTIGO

Josivaldo Constantino dos Santos¹

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
E-mail: josicultura@unemat.br

Ana Paula Araújo dos Santos

Secretaria de Estado de Educação do Estado de
Mato Grosso (SEDUC).
E-mail: ana.paula.santos2@unemat.br

Fabiano Anastácio

Secretaria de Estado de Educação do Estado de
Mato Grosso (SEDUC).
E-mail: fabianorjcm@gmail.com

RESUMO:

Este artigo, integrado à linha de pesquisa “Educação, escola e sociedade” do mestrado profissional de Sociologia em rede nacional (PROFSOCIO), resultado de pesquisa bibliográfica, traz um breve estudo da arte, sobre a violência enquanto dinâmica social que perpassa a sociedade. A violência é aqui apresentada como um conceito polissêmico, visto que são múltiplos os olhares sobre esse fenômeno tipicamente humano. Classificações, tipificações de violências, são trazidas a este artigo, no intuito de mostrar as reflexões e os debates que tem sido feito por autores e autoras de distintas posturas teóricas, a partir de suas experiências com o estudo dessa temática. Porém, o texto se detém nas reflexões tecidas pelo sociólogo francês Michel Maffesoli sobre os três aspectos fundamentais da violência: a violência dos poderes instituídos; a violência anômica e a violência banal, bem como as implicações sociais e societais próprias desse fenômeno de múltiplas faces, tais como o duplo movimento, de destruição e de construção, o que garante a perduração da sociedade.

Palavras-chaves. Sociedade. Violência. Múltiplas Faces. Dinâmica Social.

ABSTRACT:

This article, integrated into the research line “Education, school and society” of the professional master’s degree in Sociology on a national network (PROFSOCIO), brings a brief study of the art, about violence as a social dynamic that goes through society. Violence is presented here as a polysemic concept, since there are multiple perspectives on this typically human phenomenon. Classifications and typifications of violences are brought to this article, with the aim of showing the reflections and debates that have been carried out by authors with different theoretical positions, based on their experiences with the study of this topic. However, the text focuses on the reflections made by French sociologist Michel Maffesoli on the three fundamental aspects of violence: the violence of established powers; anomic violence and banal violence, as well as the social and societal implications of this multifaceted phenomenon, such as the double movement, of destruction and of construction, which guarantees the permanence of society.

Keywords:. Society. Violence. Multiple Faces. Social Dynamics.

Editor:

Dr. João Batista Lopes da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso
e-mail: revistaedu@unemat.br

1 INTRODUÇÃO

A violência permeia entre nós. Cotidianamente sua presença se torna mais acentuada, e conseqüentemente sentida direta ou indiretamente nos mais distintos segmentos sociais e em todas as partes habitadas do Planeta Terra. Por tamanha amplitude que o fenômeno da violência alcançou, e também porque ela se manifesta de modos distintos, compreendê-la, para amenizar seus efeitos nocivos tornou-se um anseio global.

Partindo, pois, da evidência social das diversificadas ramificações do fenômeno da violência, intelectuais de distintas correntes teóricas, a partir de tempos e lugares diferentes, movidos por fortes e sérias razões argumentativas, procuram apontar estas muitas faces pelas quais ela se manifesta. Apontam definições do que seja ou não violência, enquadram-na em determinadas categorias de análises, na intenção de somar forças no que se refere à compreensão desse fenômeno tipicamente humano.

É importante, pois, ter a compreensão da violência enquanto “conceito polissêmico, construído pelos atores de modos diversos, sempre contextualizados em suas vivências sócio-históricas” (Araújo, 2002, p. 16). É preciso considerar suas múltiplas faces. Neste sentido, este texto, busca apresentar um panorama das reflexões de como alguns autores e autoras (alguns, clássicos, outros, mais contemporâneos) a partir de suas experiências e reflexões teóricas, pensam esse tema. São olhares que apontam classificações e tipificações da violência. Entretanto, considerando todas as contribuições das mais variadas correntes de pensamento a respeito da violência, apresentadas neste texto, é na perspectiva do sociólogo francês Michel Maffesoli que procuramos pautar nossa visão sobre esse fenômeno.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo é o resultado de pesquisa bibliográfica sobre a violência, uma temática ligada à linha Educação, escola e sociedade, do mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO.

Para um estudo bibliográfico, se faz necessário, “a existência de obras pertinentes ao assunto em número suficiente para o estudo global do tema [...]. As fontes para a escolha do assunto podem originar-se da experiência pessoal ou profissional, de estudos e leituras, da observação [...]” (Markoni e Lakatos, 2003, p.45). Munidos de farto material bibliográfico, e atentos à relevância e atualidade da temática, elaboramos um estudo da arte para compreendermos a visão de diferentes autores e autoras sobre a dinâmica social da violência e as múltiplas faces pelas quais ela se manifesta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A violência está na estrutura da sociedade e por consequência, em todas as camadas/classes sociais. Ela, segundo Moraes (1995, p. 20) é “[...] coisa de seres humanos [...], está no âmago das personalidades”, o que significa que não há como não conviver com este fenômeno. Os meios de comunicação social selecionam notícias sobre violências que perpassam pela cotidianidade local, regional, nacional e global, corroborando com o filósofo e cientista social Regis de Moraes, de que somos nós os humanos, os protagonistas deste fenômeno. Por sua vez, Candau, Lucinda & Nascimento (2001, p. 20) apontam uma marca específica da violência. Segundo as autoras, “[...] a marca constitutiva da violência seria a tendência à destruição do outro, ao desrespeito e à negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou ético”.

Essas três educadoras e pesquisadoras do fenômeno da violência e seus reflexos no ambiente escolar, abrem um leque sobre a multidimensionalidade da violência, também, apontando a mesma como um ato brutal consciente contra a humanidade do outro, por meio do domínio físico, psicológico e ético.

A filósofa Hannah Arendt em sua obra “Sobre a violência” (2009), fala sobre a diferença entre violência e poder. Segundo a autora, o poder é o resultado de um consenso quanto ao percurso a ser realizado no exercício de uma ação. É, portanto, o resultado da capacidade do ser humano de realizar uma ação em conjunto. Nesse sentido, poder e violência são opostos

visto que, onde um se faz presente o outro está ausente. Para o exercício do poder, não há a necessidade de justificação e sim de legitimação. Por sua vez, a violência, diferentemente do poder, “pode ser justificável, mas nunca será legítima” (Arendt, 2009, p. 69). O poder se legitima, a violência jamais. Pode-se entender aqui, a partir da argumentação da filósofa alemã Hannah Arendt, diferenciando poder de violência, que toda violência é a busca brutal pelo poder por meios cruéis, desumanos. Fica perceptível essa compreensão também quando ela acompanha em Jerusalém, o julgamento do nazista Adolf Eichmann e relata em sua obra: “Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal” (2008). Entretanto, se torna muito difícil notar essa diferenciação, uma vez que é comum a combinação entre violência e poder; “ademais, nada [...] é mais comum do que encontrá-los em sua forma pura e, portanto, extrema” (Arendt, 2009, p. 63). Essa combinação extrema entre violência e poder se faz muito clara nos contextos de guerra. Podemos exemplificar as guerras absurdas no século XXI, enfatizando os dois conflitos bélicos em andamento este ano de 2024: Rússia x Ucrânia e Israel x Palestina, onde se exerce o poder bélico, para a obtenção de poder político, poder de acumulação. Além de se diferenciar do poder, a violência também se diferencia do vigor, da força e da autoridade.

Vigor, para Hannah Arendt, refere-se a uma individualidade, à singularidade, como, por exemplo, o vigor físico que um indivíduo possui (LAFER, 2009). O que pode acontecer é que, esse vigor individual pode ser multiplicado por meio da violência através de instrumentos proporcionados pela tecnologia e, desse modo, a violência pode chegar a sua forma extrema: “um contra todos”; é o que presenciamos no momento atual com os conflitos travados entre os países citados, nas pessoas do presidente da Rússia Vladimir Putin e no primeiro ministro de Israel Benjamin Netanyahu. Difere também da força que, erroneamente, para a filósofa, é empregada como sinônimo de violência. O termo força designa, apenas, a energia que os movimentos físicos e sociais liberam: ‘forças da natureza’ e ‘força das circunstâncias’.

Muller (2006, p. 33) amplia a conotação à relação entre violência e força. Segundo ele, misturar conceitos de violência e força precisa de palavras que apontem à existência de uma força que não é violenta. Apresenta, então, força no sentido moral enquanto “qualidade de alguém que tem a coragem de recusar submissão à lei da violência”. Forte, então, diz o autor, não seria o violento e, sim, aquele que resiste à violência. Ou seja, não há um desacordo entre Arendt e o professor pesquisador francês Jean-Marie Muller. Concordando com ambos, podemos afirmar que nesse sentido, a violência em todas as suas nuances, é o subterfúgio do fraco, visto que, o forte exerce uma força moral de resistência e não tolerância a qualquer tipo de violência.

Ainda, segundo Arendt (2009), violência é, também, diferente de autoridade. Para exercer a autoridade basta o reconhecimento e o respeito dos subordinados sem a necessidade de coerção nem persuasão. A violência é de caráter instrumental, por isso, necessita de “implementos”. É, também, intencional, portanto, racional e visa a consecução de um fim imediato, a curto-prazo, e tem como característica a não argumentação e a não preocupação com as consequências. A filósofa enfatiza, ainda, o caráter político e cultural tanto da violência como do poder, ambos, como criações da vontade humana:

Nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital; eles pertencem ao âmbito político dos negócios humanos, cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem para agir, a habilidade para começar algo de novo (Arendt, 2009, p. 103).

O educador Paulo Freire (2001, p. 30) também se refere à violência numa perspectiva de relações políticas; como um constructo social e intencional. Fala de uma violência sutil, encoberta por ideologias, mas que, aos poucos, vai desumanizando o homem e a mulher, tornando-os coisas. Esta violência não é natural, “[...] não é [...] destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e, esta, o ser menos”. Esta violência promove no oprimido o medo de libertar-se e, como consequência, coloca uns contra os outros. A violência do opressor contagia, invade o oprimido e o torna violento. Assim se expressa Freire (2001, p. 43): “consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos [...] é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria [...]”. Os dizeres do educador pernambucano Paulo Freire, evidencia o caráter perverso, cruel e dominador da violência, mostrados até o momento, pois, “fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a do ser mais” (Freire, 2009, p. 42), tornando-os pequenos, por meio da negação de sua humanidade.

Fica perceptível, pois, a irradiação da violência que à medida em que ela vai se acentuando, vai também ocupando novos espaços, dominando, oprimindo e destruindo. Essa reação em cadeia que vai gerando mais violência é o que sociólogo José Vicente Tavares dos Santos (2009, p. 40) denomina de microfísica da violência, ou seja, “uma rede de exercício de poder marcado pela força, pela coerção e pelo dano, em relação ao outro”. E isso acontece de múltiplas maneiras: das mais sorrateiras e sutis, às mais visíveis e diretas.

Em relação ao Brasil, o sociólogo faz uma reconstituição do fenômeno da violência no país e a classifica em quatro grupos: a) “a violência do Estado”, que pode se apresentar como aquela exercida entre diversos Estados (terrorismo internacional) ou aquela exercida internamente: violência policial, violência exercida pelos programas de colonização e assentamento, violência contra os direitos humanos, efeitos da crise do Estado-Providência entre outros; b) “a violência contra o poder do Estado”, que durante toda a história da república se exterioriza via motins, banditismo social, revoltas, movimentos sociais, tentativas de revoluções; c) “a violência difusa”, que se manifesta através da violência criminal, violência micro-política, violência das instituições totais de vigilância, violência no campo e violência ecológica; d) a violência simbólica, presente em todos os fenômenos de violência e reproduzida nos processos de socialização, nos processos educativos e meios de comunicação (Santos, 2009, p. 118-119).

Temos aqui, representado nesses quatro grupos, um panorama sociológico da violência enquanto fenômeno presente na sociedade brasileira contemporânea, que reforça a dinâmica social da violência da qual trata este texto. Ampliando a dimensão de seu estudo, o sociólogo, apresenta ainda, a violência e a sua relação com a nova configuração social que ele denomina de “processo de mundialização”, de globalização econômica. Com a globalização, enfatiza o sociólogo, o fenômeno da violência alcança tamanha dimensão que passa a ser visto “como uma das novas questões sociais mundiais”, visto que seus tentáculos se expandem por toda a sociedade atual em uma multiplicidade de formas: “violência política, costumeira, [...] de gênero, [...]sexual, racista, ecológica, simbólica e violência na escola – configuram-se como um processo de dilaceramento da cidadania” (2009, p.16).

O autor entende por dilaceramento da cidadania, “o dilaceramento do corpo e da carne e a crescente manifestação da violência física na sociedade, a qual ameaça as possibilidades da participação social e da cidadania” (Santos, 2009, p. 25). Esse processo de dilaceramento da cidadania se configura, à medida em que a violência se torna, em muitos casos, linguagem e norma para determinadas categorias sociais, se distanciando, pois, das “normas civilizadas”. É o que presenciemos no cotidiano dos micros e macros espaços da sociedade.

Segundo o sociólogo, a violência não está apenas determinada a fatores políticos e econômicos, mesmo que ambos os fatores continuem sendo ainda causas eficientes da violência. Ela caracteriza-se “[...] pelo uso real ou virtual da força ou coerção que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática” (Santos, 2009, p. 16). Nas reflexões de Santos se evidencia como nos demais autores que o antecederam neste texto, a afirmação da violência como uma ação que bloqueia, que anula, que não reconhece “o outro como legítimo outro” (Maturana, 2005, p. 32), por isso o destrói. Esse outro refere-se a pessoas e povos.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (2002, p. 3-4), denomina de “violência simbólica”, a inculcação de ideologias que são aderidas inconscientemente. Uma “violência suave, insensível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, [...]”, e que, por isso, permitem que os ‘sistemas simbólicos’ cumpram “a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação” (Bourdieu, 2000, p. 11) de um grupo sobre o outro, ou de uma classe social sobre outra. Podemos dizer que essa é uma violência presente no cotidiano das relações sociais, que acontece de modo velado e certo, também denunciada por Paulo Freire em praticamente todas as suas obras e de modo especial em “Pedagogia do Oprimido”, ao tratar da relação de dominação/exploração do opressor sobre o oprimido.

E as tipificações da violência continuam, desde aquelas que praticamos de forma despreocupada, despercebida, de forma natural nas relações cotidianas em âmbito doméstico, tais como: a “violência passiva” (Aranha e Martins (1996); ou “violência das omissões” Morais (1995), que acontece quando podia haver alguma intervenção em favor de alguém e essa intervenção não é feita. A “violência indireta” (Aranha e Martins (1996), aquela

que praticamos em casa, quando, por exemplo, usamos um desodorante spray mesmo sabendo que ele contém clorofluorcarbono que afeta e destrói a camada de ozônio. As escritoras e educadoras Aranha e Martins, falam, também, das macros violências, tais como a “violência legítima”, própria do Estado, que impõe suas leis e pune quem não as cumpre. Este é o tipo de violência que Aveline (1986, p. 56), denomina de “violência ostensiva”, referindo-se às tropas militares repreendendo as greves e manifestações públicas.

Temos ainda, a “violência sutil ou violência branca” (Morais,1995; Aranha e Martins,1996), o tipo de violência que passa despercebida por não possuir características sangrentas e de brutalidade como a “violência vermelha ou brutal”. Porém, a violência sutil ou branca é tão cruel quanto a violência vermelha ou brutal.

A Violência sutil ou branca, é denominada pela educadora, pesquisadora e estudiosa do fenômeno *bullying*, Cléo Fante, de “violência velada”. É justamente nessa modalidade de violência que se encontra escondido o fenômeno *bullying*, tão presente nas escolas do mundo inteiro. A pesquisadora define esse fenômeno “como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de ‘brincadeiras’ que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” (Fante, 2005, p. 29).

O *bullying* é o tipo de violência velada que tem seu *locus* na escola, seja ela pública ou privada, e, se manifesta como violência velada, porém, promove e fortalece a violência explícita, violência esta, que já causou e continua a causar mortes em escolas do Brasil e do mundo.

Continuando ainda em espaços escolares, os educadores franceses Claire Colombier, Gilbert Mangel e Marquerite Perdriault (1989), especificam os diferentes tipos de violência simbólica que surgem num contexto de escola, num contexto de sala de aula. Por exemplo, quando as relações passam a ser cooperativas, as decisões tomadas na coletividade e os códigos ou normas de convivências são construídos por todo o grupo. Segundo os autores, aflora a “violência da frustração”. Este tipo de violência, nasce “da necessidade de renunciar a um ideal de fusão, onde o desejo é satisfeito antes mesmo de ser formulado”, ou seja, “para quem está habituado a funcionar dentro de um imediatismo, esta aprendizagem não se faz sem violência” (Colombier; Mangel; Perdriault (1989, p. 102). A violência da separação acontece quando o sujeito se vê às voltas com a regulamentação em suas relações com o outro, quando antes prevalecia somente ele enquanto indivíduo.

Há, também, segundo Colombier, Mangel, Perdriault (1989, p.102) a “violência da inscrição”, que surge quando o sujeito se confronta com o que ele é capaz de realizar e não com a imagem mítica que projetou de si próprio ou, a “violência da diferença” entre “o eu sonhado e os comportamentos reais”.

Até o momento, neste breve “estado da arte” da violência, evidenciou-se por meio das percepções dos autores e autoras aqui citados/as, um mesmo fenômeno sob várias faces e todas elas, com uma capacidade incomensurável de destruição de si e do outro. Foi mostrado que esse impacto negativo, destrutivo da violência, acontece nos aspectos psicológicos, éticos e físicos, ou seja, esse complexo fenômeno atinge o ser humano em sua totalidade.

A seguir, daremos um destaque especial ao que pensa sobre esse fenômeno, o sociólogo francês Michel Maffesoli, representante da Sociologia da Compreensão. Em relação ao que foi argumentado sobre a violência pelos estudiosos e estudiosas do tema que o sucederam neste texto, Maffesoli também trata do caráter dinâmico, polissêmico, multifacetado desse fenômeno tipicamente humano e que constitui, o todo social. Entretanto, enquanto os demais focam na violência, apenas seu caráter destruidor, dominador, avassalador, o sociólogo acrescenta em suas argumentações, um duplo movimento exercido por este fenômeno: o movimento negativo (destruição), o caráter fundador da violência e o movimento positivo (construção), o caráter criador da violência, ou seja, um misto de criação e destruição presentes nas variadas formas de expressão social. Para ele, toda a análise que vier a ser feita sobre a violência precisa contemplar esse duplo aspecto ou movimento.

3.1. A violência segundo Michel Maffesoli

Ao tratar sobre o fenômeno da violência, o sociólogo francês Michel Maffesoli (1987) recomenda o máximo possível de serenidade visto que, no decorrer da história da humanidade, ela foi dita e redita de inúmeros modos, justamente por se apresentar por meio de uma variedade de modulações. O fundamental é não perder de vista que a violência é uma herança

comum a todas as civilizações, é parte estrutural do fenômeno humano. A partir desse entendimento, podemos afirmar que a maneira pela qual cada sociedade lida com a violência, ou seja, o modo como se negocia com ela, mostra o grau de equilíbrio que cada sociedade possui. O que de melhor se pode fazer ao estudá-la, é “[...] atualizar da melhor maneira o que pertence à sua estrutura” (Maffesoli, 1987, p. 21).

Maffesoli entende a violência como constituinte ‘significante’ do dado social, em um grau muito elevado, ou seja, é um fenômeno que participa ativamente da organização estrutural da socialidade¹. Ela tem papéis fundamentais a desempenhar no cotidiano da vida social, caracterizado por um duplo movimento: destruição e construção. A violência possui uma estrutura utilitária que a faz funcionar de modo ‘positivo’, construtivo. “A violência ‘construtiva’ não é um paradoxo; ela é a expressão da fundação social, [...] a violência ‘destrutiva’ é a manifestação da afirmação individual” (Maffesoli, 1987, p. 24).

A violência localiza-se, na “parte sombria”, “subterrânea”, na parte escondida da sociedade, entretanto, ela move a dinâmica social. É a partir desse lugar que a violência ativa a maquinaria social, ou seja, ela constitui “[...] uma simbiose de forças, de energias que cria ou renova a estruturação social” (Maffesoli, 1987, p. 25). Em um contexto estrutural, Maffesoli nos apresenta três aspectos da violência: a violência dos poderes instituídos², a violência anômica e a violência banal.

3.1.1 Violência dos poderes instituídos

Sobre a violência exercida pelos poderes instituídos, Maffesoli (1981) se volta para o controle burocrático do Estado que a tudo controla (centralização burocrática). O controle burocrático visa a tudo domesticar por meio de um processo de homogeneização das atitudes, dos procedimentos, dos comportamentos. A violência burocrática se configura, nesse sentido, pelo fato, do Estado ignorar a sociedade enquanto espaço de manifestação das diferenças. Há, pois, dois polos provocados pela violência dos poderes instituídos: o Estado enquanto representação do uno e a sociedade, habitat das diferenças. O Estado, que, para Maffesoli, representa o “triunfo do uno” sobre o “vivo societal”, organiza-se e se mantém, tendo em vista a manipulação do poder e da força o que geralmente culmina em ‘violência social’ que garante a coesão e o consenso da coletividade.

Sobre o poder, Maffesoli argumenta que é um desejo de submissão que o funda, que o origina, ainda que, contraditoriamente, a força social se constitua enquanto reação contínua a todo esse processo. O poder se justifica por uma ‘necessidade de dependência’, até porque possui “a função de proteção”. Ele não surge de modo espontâneo e nem arbitrário, ele é o resultado de “um apelo social” (Maffesoli, 1981, p. 28). Nesse sentido, toda a dinâmica social tem uma ligação estrutural com o poder. O agravante em todo esse processo segundo Maffesoli, é o fato, do poder extrapolar a sua função de proteção e gerar a submissão, ao pretender controlar os mínimos detalhes de todas as esferas da vida social, fundando assim o que ele chama de “violência totalitária”.

A violência totalitária para esse autor, não se resume apenas aos grandes fenômenos tais como as guerras, genocídios, campos de extermínio, fascismo, stalinismo. Esse conceito se amplia à dominação cotidiana a qual os sujeitos sociais são submetidos, violência essa que se estende como tentáculos “no conjunto do mundo pelo viés do controle, dos cuidados com a segurança da existência ou da felicidade planejada” (Maffesoli, 1981, p. 17), que culmina com a assimilação e, portanto, aceitação individual e coletiva de que os valores estabelecidos não devem ser contestados e sim que todos devem se integrar a esses valores. Munido dessa convicção, o indivíduo passa a se auto-controlar, a se auto-regular, inibindo suas emoções, seus afetos, sua criatividade, suas potencialidades, perdendo a sua característica ontológica de “ser mais” conforme nos alerta Paulo Freire. A integração, embora sendo um processo necessário no contexto da “socialização nacional”, em excesso, conduz a um extremo controle social exercido de formas variadas.

Ressalta Maffesoli (1981), que o Estado, no intuito de obter “a estabilidade social” via

¹ Socialidade, entendida como “todos esses rituais cotidianos, aos quais não se presta atenção, que são mais vividos do que conscientizados, raramente verbalizados, são eles, de fato, que constituem a verdadeira densidade da existência individual e social” (Maffesoli, 2005b, p. 174).

² Refere-se à violência exercida pelos órgãos burocráticos, pelos Estados e pelo serviço público (Maffesoli, 1981, 1987).

“unificação social”, “igualização”, “homogeneização”, “massificação”, busca a expansão e reprodução do sistema, rejeitando o pluralismo, ou seja, eliminando a heterogeneidade e implantando o “mecanismo de centralização”. Todo esse processo de direcionamento e centralização do exercício do poder estatal sobre a “socialização nacional” e que diretamente atinge a “sociedade em si/socialização societal”, faz triunfar o “impulso de morte”. Assim, “somos levados a um ciclo funcional, no qual a violência tem tanto mais brilho quanto a uniformização tenha sido mais total” (Maffesoli, 1981, p. 240). E enfatiza ainda Maffesoli (1981, p. 244): “o tédio diante da uniformidade nada encontra que lhe sirva de contra-peso, e é essa unidimensionalidade que engendra as tendências mais mortíferas cuja importância a atualidade não oculta”.

Maffesoli distingue socialização nacional de socialização societal. A primeira diz respeito à integração do “indivíduo a um país”. A segunda refere-se ao movimento vital, ao dinamismo social, às manifestações do estar junto, aos procedimentos afetuosos que caracterizam a cotidianidade das pessoas que compõem a “sociedade em si” (Maffesoli, 1981, 2005 a, 2005 b, 2010). A organização societal é a alma, é a centralidade da sociedade entendida, enquanto “socialização nacional”. Nas palavras de Maffesoli (2010, p. 26), “societal, não é mais o simples social dominado pelo racional, tendo por expressão o político e o econômico, mas outra maneira de estar-junto, em que o imaginário, o onírico, o lúdico, justamente ocupam um lugar primordial”. Reagindo à violência totalitária, diuturnamente, se posiciona um querer-viver social incansável e irreprimível com uma maneira específica (solidariedade orgânica) de viver e de se manifestar coletivamente. São aqueles que se recusam à submissão, e é devido a esse “instinto de recusa” ou “revolta latente” que o equilíbrio social é mantido. Entretanto, esse latente desejo de viver pode eclodir também de maneira perversa, violenta (Maffesoli, 1981, 1987).

Toda essa ênfase do sociólogo na organização societal, o oposto de organização social, é que ele, se apresenta como um pensador que não se apega às macro-análises, às macro explicações sobre o mundo. Ele valoriza e mostra, a força, a “potência social, o “espírito de conjunto” que possuem as manifestações coletivas, grupais, tribais, as “centralidades subterrâneas” que se constituem no “estar junto”, no “querer viver societal”, que movem o mundo porque compõem o cotidiano das pessoas e fazem com que elas vivam – o “vitalismo social”. É nesse contexto todo, nesse *locus* periférico em contraposição ao *locus* central que veremos a seguir, que as violências afloram em reação à violência totalitária em todas as suas dimensões, e podem, como afirma o sociólogo, aflorarem perversamente, sanguinariamente.

3.1.2 Violência anômica

À função construtiva da violência, Maffesoli define como “violência anômica”. Pelo fato de conceber a violência como *conditio sine qua non* da sociedade, o sociólogo não a vê apenas como um fenômeno que transborda negatividade em todos os tempos enquanto resultado de barbáries. Ele localiza a violência ou dissidência (como a denomina) em um movimento duplo de destruição e construção que, enquanto revela as falhas, as fissuras, ou seja, a desestruturação da sociedade, simultaneamente conclama a sua construção (Maffesoli, 1987) ou reconstrução.

O Estado (sociedade de controle), ao criar suas normas, cria, também, os centros e as periferias. Tudo, pois, gira em torno da homogeneização, da equivalência, ambas originadas pelas normas estatais, que visam, portanto, uma organicidade social pautada pela submissão ao Estado dominador (o centro). Os que não se enquadram nessa homogeneização, e não acatam parcialmente ou totalmente esse *modus vivendi*, fazem parte da periferia, lugar dos excluídos (do louco, do anormal).

Esse confronto, entre desejo central e desejo periférico, é o que provoca a crise, as fissuras, as falhas, a desestruturação, desagregação social. Maffesoli busca em Durkheim a noção de “enfraquecimento dos vínculos sociais” para mostrar o que entende como manifestação da anomia (Maffesoli, 1978).

As variações ou as múltiplas formas pelas quais a ilegalidade³ se apresenta,

³ Ilegalidade diferente de delinquência. “Enquanto que a ilegalidade [...], vivida na sua ambiência irrepresível, é o húmus, de uma relação social viva, ousada, dinâmica, a delinquência é fechada, separada útil; ela tem [...] seus especialistas e seus peritos” (Maffesoli, 1987, p. 28).

constituem-se como recusa, e, portanto, como resistência ao controle e à dominação. Ao conjunto dessas manifestações, Maffesoli denomina de “potência social” que expressa um latente querer-viver. Este rompimento (caráter destrutivo da violência) com a monotonia e centralização sufocante, que enclausura as diferenças em prol da compartimentalização, da centralização homogênea e da funcionalização das relações e das atividades dos indivíduos, mesmo eclodindo em excessos⁴, caracteriza-se como uma violência fundadora, que dá origem a uma nova ordem (caráter criador da violência). “[...] é sempre por um ato de violência que se inicia um novo sistema social” (Maffesoli, 1987, p. 53).

Tanto a violência, como a crueldade, desordem e perda nos diz Maffesoli, fazem parte do cotidiano levados ao extremo, e tudo isso é fonte de reabastecimento para essa mesma vida cotidiana. Entre excesso e vida cotidiana, há uma relação orgânica “que une a monotonia à intensidade, a partir do momento em que cada um é aceito enquanto tal, como elemento de um conjunto” (Maffesoli, 1987, p. 55). Esse é o caráter destruidor e criativo da violência que, mesmo apresentando-se de um modo contraditório (destruição/criação), é o que permite o perdurar da sociedade e o seu equilíbrio. Porém, Maffesoli alerta para o fato da tendência anômica se desenvolver. Assim ele se expressa:

com o enfraquecimento da trama social e dos vínculos orgânicos que lhes são inerentes, a violência arquetípica [...] não é mais objeto de uma ‘negociação’ e de um equilíbrio, mas tende a se especializar ou se funcionalizar. Desse modo haverá especialistas da delinquência e, conseqüentemente, peritos ‘em delinquência’ que terão por função tratar do que se tornou um problema social (Maffesoli, 1987, p. 24).

Nessa perspectiva, a violência passa a ser racionalizada, devido ao desenvolvimento da sociedade industrial que rompeu com a polaridade destruição-construção (Guimarães, 1996) e, portanto, ela, a violência, “justificará e comporá outras instâncias de uma ordem social baseada na separação [...], outra maneira de revelar o fundamento da tecnoestrutura” (Maffesoli, 1987, p. 30).

A socialidade com seu latente querer-viver está voltada exclusivamente para o presente, para que o mesmo seja vivido em plenitude, com intensidade em todas as suas dimensões, de maneira dionisíaca, expressando toda a orgia, futilidade e banalidade que compõem o universo da cotidianidade e que, por isso mesmo, proporciona a “proxemia [...], pulsão que ‘impõe a viver em bando’ [...], algo de imaterial confortando a materialidade do estar-junto” (Maffesoli, 2005b, p. 92). Entretanto, esse presenteísmo⁵ é entendido como subversão e, desse modo, o poder institucional, que se opõe à dinamicidade do presente por estar envolvido com a prevenção e preparação do futuro, objetiva o seu controle, sua distribuição e sua divisão em sequências possíveis de controlar. O tempo é organizado e distribuído afim de que seja “útil e funcional”, permitindo, assim, o controle sobre o corpo no intuito de fazer de cada indivíduo uma “entidade eficaz” em função do “desenvolvimento de uma organização progressista, de uma tecnoestrutura que faz entrar num plano de equivalência⁶” (Maffesoli, 1987, p. 47). A violência social está, pois, no âmbito da ação-reação, pois toda violência, é sempre uma resposta a uma violência anterior.

3.1.3. Violência banal

Por fim, Maffesoli trata da violência banal, que caracteriza a resistência de massa. Essa resistência, apresenta-se de um modo passivo, porém com tamanha eficácia e muito subversiva no que se refere às imposições de poder. Ou seja, atitudes da vida cotidiana que aparentemente se apresentam como submissão, alienação, aceitação do estabelecido, podem conter uma sorradeira e grande resistência, “[...] vivida cotidianamente contra aqueles que representam a autoridade ou as garantias da ordem estabelecida” (Maffesoli, 1978, p. 112-

⁴ “O excesso é uma parte integrante da estruturação coletiva, [...] ‘interregno de vertigem, de efervescência e de fluidez, em que tudo o que existe de ordem no mundo é passageiramente abolido” (Maffesoli, 1987, p. 53).

⁵ O presenteísmo “[...] vai se exprimir no hedonismo, na busca do prazer aqui e agora, na exacerbação do emocional e do sensível” (Maffesoli, 2005a, p. 261).

⁶ A “equivalência generalizada” é a base da sociedade de controle (Maffesoli, 1978).

113). A massa ou “maioria silenciosa” é caracterizada por aquilo que Maffesoli denomina de “espírito de conjunto” ou “solidariedade orgânica”. Essa solidariedade orgânica, que se configura pelo “fato de estarem juntos”, exerce sua força de equilíbrio na relação social, de maneira geralmente inconsciente, ou seja, não é exercida uma reação premeditada contra a ação da sociedade de controle (a não ser em casos extremos). Os protagonistas desse “espírito de conjunto”, dessa solidariedade orgânica estão nos bares, nos quarteirões, nas feiras, no teatro, na vizinhança, nas ruas, compartilhando dos mesmos sentimentos, das mesmas emoções e dos mesmos afetos.

É através das minúsculas atitudes da vida cotidiana que se expressa esse querer-viver manifestado de diversos modos, inclusive pelo silêncio⁷, pela astúcia, pela aventura, pela arte, pela boemia, pelas reuniões festivas, enfim, pelo banal⁸. Esse conjunto de atitudes da maioria silenciosa é compreendido por Maffesoli como formas de resistência. Essa parcela significativa da existência social vive toda essa efervescência na chamada “centralidade subterrânea”, um verdadeiro laboratório de resistência e de vida, vivida concomitantemente em território distinto, porém, paralelo àquele onde habita o poder controlador.

3.1.4. Sobre o caráter construtivo e destrutivo da violência

Em relação às suas múltiplas faces, Maffesoli (2002, 2004) alerta para que não seja privilegiado nenhum de seus aspectos em detrimento de outros. Exemplifica que no caso da violência totalitária que é comum ao Estado e às diversificadas instituições que nele se alicerça, não se deve preferi-la à violência anômica que é própria dos marginalizados, dos que vivem na periferia das grandes cidades. “O importante é observar o aspecto estrutural, antropológico da violência” (Maffesoli, 2004, p. 61).

Os aspectos estrutural e antropológico da violência estão diretamente ligados à realidade social na qual estamos inseridos, realidade essa alicerçada histórica e necessariamente em conflitos de diversas ordens. Uma realidade social que carrega em si o eterno conflito entre os seus contrários. O conflito entre o que é harmonioso e o que provoca discórdia, entre a ordem e a desordem, entre o equilíbrio e o desequilíbrio, entre a estratégia e a astúcia, entre as trevas e a luz, entre bem e mal.

A realidade social é ainda fundada pelo confronto entre o eu e o outro. Historicamente toda e qualquer forma de organização social carrega em sua constituição básica a possibilidade da violência. O eu, está sempre ameaçado pelo outro e vice versa. A realidade social é o que é pelo conflito, ou seja, “o conflito é o ponto central de uma compreensão do fato social” (Maffesoli, 1987, p.15). Não é a unanimidade que constitui o social e sim a hostilidade e o conflito entre os elementos que constituem o todo social. É nesse sentido que Maffesoli fala em caráter criativo e destrutivo da violência.

O caráter criativo da violência corresponde a entendê-la enquanto “elemento de base” que funda a sociedade. Em outras palavras: a violência é entendida como “condição *sine qua non* da estruturação social” (Maffesoli, 1987, p. 17). Para Maffesoli,

quando, [...] destacamos o papel criador da violência, não é para fazer dela uma apologia sem nuances, não é também para abstraí-la de um contexto histórico e social, é simplesmente para revelar que ela é também ‘significante’ do dado social e isso, no mais alto grau. [...] ela pertence a essa parte sombria como o costado pertence ao navio: ela está escondida, importante, é o lugar onde o maquinário é ativado, numa palavra, é graças a ela que a embarcação (social) resiste e navega. [...] só podemos apreciar a violência nos limites de seu contexto social. (Maffesoli, 1987, p. 41).

Entretanto, manter essa violência sob vigilância e controle tem sido uma constante nas mais diferentes sociedades. Não há como negar a existência da violência e tampouco o seu caráter criativo e destrutivo. É por intermédio do acordo, da vigilância, da negociação que é possível controlá-la em seus excessos que levam ao afloramento de seu aspecto destrutivo.

⁷ “O silêncio e a palavra podem jogar em concorrência conforme os lugares e os momentos. Deste modo, a resistência ao pedido externo pode ser afásica ou tagarela, [...]” (Maffesoli, 1987, p. 118).

⁸ O banal aqui entendido como tudo o que não está sob a ótica e o controle de um poder externo, entretanto, fundamenta o incomensurável prazer de estar junto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos neste artigo, algumas reflexões de autores e autoras que a partir de seus lugares, tempos, experiências específicas e distintas perspectivas teóricas, ofereceram suas contribuições ao debate sobre um tema tão complexo, tão antigo e tão atual que é a violência. De uma forma geral, nos apresentaram a violência como um fenômeno construído socialmente com múltiplas faces, muito dinâmicas e complexas.

Procuramos fazer um estado da arte da violência a partir desses autores e autoras que em suas produções teóricas deram visibilidade a este tema. Entretanto, o texto focou no fenômeno da violência enquanto integrante de uma dinâmica social, a partir das reflexões do sociólogo francês Michel Maffesoli, ou seja, o texto centrou sua atenção na concepção de violência em Maffesoli, bem como suas implicações sociais e societárias, presentes em muitas de suas obras, mas especialmente em duas: “A Violência Totalitária – ensaio de antropologia política” (1981) e “Dinâmica da Violência” (1987).

Nessas obras encontram-se os três aspectos fundamentais da violência, estudados por este sociólogo. A saber: a violência dos poderes instituídos; a violência anômica e a violência banal. O ponto forte das reflexões proporcionadas pelo presente artigo reside na compreensão da violência como duplo movimento: de destruição e movimento de construção - o que garante a perduração da sociedade.

O texto mostra que a violência dos poderes instituídos, explícita no controle burocrático que o Estado estabelece no intuito de homogeneizar as relações sociais, não considera as manifestações das diferenças que coabitam a sociedade. Como consequência, ao estabelecer normas, controle, homogeneização, o Estado burocrático automaticamente cria dois polos conflitantes: o Estado dominador que constitui o centro e todos aqueles que não acatam esta homogeneização, total ou parcialmente, tornam-se periféricos. A periferia é o *locus* da resistência ao instituído, é fonte de expansão da socialidade, do querer-viver, configura fissuras, falhas, numa ordem de desestruturação e desagregação social. É nesse momento que se estabelecem as manifestações, aflora a “potência social” dos excluídos, dos periféricos. É a partir desse processo que a violência funda a possibilidade de uma nova ordem.

Em relação ao poder, o mesmo surge, devido a uma necessidade de submissão, de dependência, uma vez que o poder traz em si a função de proteger. Isso vem mostrar a ligação visceral que a sociedade tem com o poder. A grande questão está na extrapolação da função protetora do poder e no controle excessivo da vida social, gerando, assim, a “violência totalitária”, no sentido de excesso de controle, de cuidado, exercido de diversas formas.

A violência banal, por sua vez, aparece de modo sutil, sob a máscara de submissão, de passividade, de alienação, de aceitação. Entretanto, é muito eficaz e subversiva. Vai corroendo, minando, aos poucos a dominação. Essa é a resistência de massa, ou resistência da “maioria silenciosa” que se identifica por uma “solidariedade orgânica” ou “espírito de conjunto”, conforme denomina o sociólogo. O texto ainda mostra a estreita ligação e conjunção entre violência anômica e violência banal, ambas como respostas à violência dos poderes instituídos. Enfin, acreditamos que do primeiro ao último autor apresentado, o texto conseguiu o que se propôs: mostrar o fenômeno da violência como uma dinâmica social e suas múltiplas faces.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, Carla. **A Violência desce para a Escola**: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

AVELINE, Carlos. A Educação para a Paz num Universo Cultural Violento. In: SOARES, Ismar de O, MOTTA, João Manoel. **A Comunicação na Construção da Paz**. São Paulo: UCBC –

Edições Paulinas, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDAU, Vera Maria, NASCIMENTO, Maria das Graças, LUCINDA, Maria da Consolação. **Escola e Violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COLOMBIER, Claire, MANGEL, Gilbert, PERDRIault, Marguerite. **A Violência na Escola**. Trad. Roseana Kligerman Murray. São Paulo: Summus, 1989. (Novas Buscas em Educação; v. 35)

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2.ed rev. e ampl. Campinas, SP. Verus Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001. (O Mundo, Hoje, v. 21)

GUIMARÃES, Áurea M. **A Dinâmica da Violência Escolar**: conflito e ambiguidade. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. (Coleção Educação Contemporânea).

LAFER, Celso. Prefácio. In: ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Lógica da Dominação**. Trad. Mamede de Souza Freitas. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1978. (Biblioteca de Ciências Sociais)

MAFFESOLI, Michel. **A Violência Totalitária** – ensaio de antropologia política. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores S.A. 1981

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. Trad. Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987. (Biblioteca Vértice: v. 7)

MAFFESOLI, Michel. **Entre o Bem e o Mal**: compêndio de subversão pós-moderna. Trad. Joana Chaves: Instituto Piaget, 2002. (Epistemologia e Sociedade)

MAFFESOLI, Michel. **A Parte do Diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Trad. Bertha Halpern Gurovitz. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005a.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005b.

MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse**: opinião pública e opinião publicada. trad. Andrei Neto e Antoine Bollinger. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. 4. reimp trad. José Fernando Campos Fortes. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2005.

MORAIS, Regis de. **Violência e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

MULLER, Jean-Marie. **Não-Violência na Educação**. São Paulo: Palas Athena, 2006.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Violências e Conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009. (Série Sociologia das Conflitualidades, 3).

i Sobre os autores:

Josivaldo Constantino dos Santos (<https://orcid.org/0009-0003-7858-9361>)

Josivaldo Constantino dos Santos. Graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Especialista em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor nos Cursos de Graduação em Pedagogia e Letras; e do Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop/MT, linha de pesquisa Escola, educação e sociedade. Membro do grupo de Pesquisa Rede de Pesquisadores em Políticas Públicas, Estado e Formação Humana e do Núcleo de Estudos Educação e Gestão do Cuidado (UFRGS).

Ana Paula Araújo dos Santos (<https://orcid.org/0009-0006-2549-6315>)

Mestranda em Sociologia pela Universidade do Estado de Mato Grosso - Rede Nacional de Pós-Graduação (UNEMAT/PROFSOCIO), linha de pesquisa I - Escola, educação e sociedade. Membro do grupo de Pesquisa Rede de Pesquisadores em Políticas Públicas, Estado e Formação Humana. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Faveni. Atua na área de Educação como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Fabiano Anastácio (<https://orcid.org/0009-0004-9447-3673>)

Mestrando em Sociologia pela Universidade do Estado de Mato Grosso - Rede Nacional de Pós-Graduação (UNEMAT/PROFSOCIO), linha de pesquisa I - Escola, educação e sociedade. Membro do grupo de Pesquisa Rede de Pesquisadores em Políticas Públicas, Estado e Formação Humana. Graduado em História pela Faculdades Integradas de Fernandópolis. Atualmente é professor efetivo na Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC).

Como citar este artigo:

SANTOS, Josivaldo Constantino dos; SANTOS, Ana Paula Araújo dos; ANASTÁCIO, Fabiano. A dinâmica social da violência: as múltiplas faces de um mesmo fenômeno. **Revista Educação Cultura e Sociedade**. vol. 15, n. 1, p. 93-104, 32ª Edição (Especial), 2025. <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>.

Revista Educação, Cultura e Sociedade é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

Indexadores: DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV – DIADORIM – SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES – GOOGLE SCHOLAR